

SETEMBRO DE 2025



Divisão de Programas e Avaliação Divisões Territoriais da CCDR Norte



NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;

EDM Região Agrária do Entre Douro e Minho; INE Instituto Nacional de Estatística;

IPMA Instituto Português do Mar e da Atmosfera

TM Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 - VILA REAL, PORTUGAL

3 + 351 27 826 09 00 ⊠ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas

Capa: Pastoreio livre de equídeos em baldio, Gavieira - Arcos de Valdevez Foto por: Sandra Coelho





Resumo

O mês de setembro marcou a entrada no calendário de outono, que se traduziu numa alteração das condições meteorológicas a partir da segunda quinzena.

No início do mês ainda se fizeram sentir temperaturas elevadas e tempo seco, característico do período estival, mas gradualmente estas condições foram mudando, registando-se inclusive alguma precipitação no último fim de semana do mês.

Os aproveitamentos agrícolas, reservatórios e linhas de água começam a acusar níveis baixos, que só a precipitação poderá repor.

Algumas culturas permanentes manifestam sinais de stress hídrico, que podem comprometer as respetivas produções. Entre elas destacam-se os soutos e os olivais, que se encontram na fase de maturação dos frutos, para os quais a precipitação e as baixas temperaturas são indispensáveis.

À semelhança do que aconteceu em agosto, este mês continuaram a registar-se incêndios de grande dimensão, com impacto na destruição de áreas florestais e agrícolas da Região Norte (em particular em Trás-os-Montes).

Setembro ficou marcado pela conclusão de diversas campanhas agrícolas, nomeadamente as ceifas, a colheita da batata e das áreas forrageiras, as vindimas, a apanha de maçã, amêndoa e de tantos outros produtos regionais. Resultado do tempo seco que se fez sentir, todas elas decorreram da melhor forma, sem grandes constrangimentos, assegurando boas condições de transformação e/ou conservação futuras.

De um modo geral, grande parte das culturas acompanhadas registou quebras de produtividade/produção, associadas às condições desfavoráveis verificadas durante o período de floração/vingamento dos frutos e às perdas ligadas a fatores fitossanitários.





Índice

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura	
1.1 Entre Douro e Minho	
1.1 Trás-os-Montes	
2 Fitossanidade	
1.1 Entre Douro e Minho	
1.2 Trás-os-Montes	
3 Cereais Praganosos para grão	
3.1 Entre Douro e Minho	
3.2 Trás-os-Montes	
4 Milho grão de Regadio	
4.1 Entre Douro e Minho	
4.2 Trás-os-Montes	
5. Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão	
5.1 Entre Douro e Minho	
5.2 Trás-os-Montes	
8 Batata Hortas familiares	
6.1 Entre Douro e Minho	
6.2 Trás-os-Montes	
7 Fruticultura	
7.1 Entre Douro e Minho	
7.2 Trás-os-Montes	
8 Vinha	
8.1 Entre Douro e Minho	
8.2 Trás-os-Montes	
9 Olival	
9.1 Entre Douro e Minho	
9.2 Trás-os-Montes	
10 Prados, pastagens e culturas forrageiras	
10.1 Entre Douro e Minho	
10.2 Trás-os-Montes	
11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades produção	





Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho



Figura 1. Paisagem rural com pequenas parcelas onde o feno já foi colhido, Gavieira – Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Na zona de observação do Minho, o estado do tempo durante este período não foi o melhor para as colheitas, nomeadamente para as vindimas, que foram feitas com chuva em muitos dos dias.

Apesar do longo período de seca nos meses de verão, a sementeira tardia originou atraso no desenvolvimento vegetativo dos milhos para grão e para silagem, pelo que grande parte das áreas ainda não atingiu a fase de colheita. Em áreas de sementeira mais precoce estão agora a iniciar-se as colheitas dos milhos de sequeiro para grão e dos milhos para silagem. Nos prados já é visível a rebentação das ervas.

Na zona de observação do Lima as condições verificadas foram benéficas para o kiwi – beneficiando a engorda dos frutos – e para os prados, pastagens e forragens, favorecendo o seu crescimento vegetativo.





Na zona de observação do Cávado, as colheitas de maçã para armazenamento e conservação decorrem mais cedo, relativamente ao ano anterior, faltando ainda colher as variedades tardias.

As adegas cooperativas, este ano, iniciaram a receção das uvas no início da primeira semana de setembro, enquanto as adegas particulares de produtores e engarrafadores da região já tinham iniciado esse período no final do mês de agosto, prolongando-se até ao mês em curso.

Na zona de observação de Ribadouro e Sousa as condições climatológicas verificadas foram muito favoráveis à tarefa das vindimas e à qualidade das uvas, mas prejudicaram o desenvolvimento do milho de regadio e a produção dos prados e das pastagens. O controlo de pragas e doenças nas diversas culturas, designadamente a vinha, foi também facilitado. Fruto do acumulado de precipitação da primavera e do início do verão, as reservas de água mantêm-se em bom nível e não constituem limitação à rega das diversas culturas.

Na zona de observação do Entre Douro e Vouga a precipitação foi benéfica para as culturas que não terminaram o seu ciclo de desenvolvimento – nas temporárias temos o caso dos milhos grão e forrageiro e nas permanentes encontramos os pomares de kiwi. Terminou a rega do milho e iniciou-se a época de sementeira dos nabais.

Na última quinzena do mês quase não se registou humidade atmosférica nem orvalho, pelo que o solo está de novo muito seco, por ação do calor e do vento. Os agricultores que já tinham desmontado os sistemas de rega tiveram de os colocar novamente, nomeadamente nas hortas.

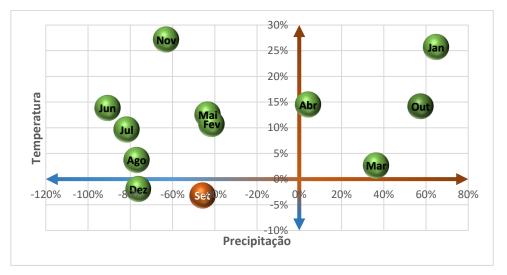


Figura 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)





1.1 Trás-os-Montes

O mês de setembro começou com temperaturas do ar médias, atingindo dois picos de temperatura nos dias 5 e 6 e entre os dias 14 e 18 de setembro.

Em alguns locais da Terra Fria as temperaturas mínimas e máximas desceram abruptamente e na noite do dia 09 a temperatura mínima desceu aos 4°C.

A segunda quinzena do mês ficou marcada pela subida das temperaturas máxima e mínima, conforme registado e noticiado pelo IPMA¹, devido a uma massa de ar quente e seco vinda do Norte de África, que proporcionou dias quentes e noites amenas, sem precipitação, o que levou à emissão de vários avisos de risco de incêndio rural.

Estes valores foram particularmente altos no Pocinho (concelho de Vila Nova de Foz Côa) e em Valpaços, onde as estações meteorológicas registaram temperaturas superiores a 40°C nos dias 17 e 18 de setembro.

A precipitação em setembro foi quase nula, situando-se muito abaixo das normais climatológicas, o que compromete bastante culturas como os castanheiros e as nogueiras, que estão a terminar o seu ciclo vegetativo e que necessitam de humidade e temperaturas baixas nesta fase de engorda (castanha) e fim de maturação (noz).

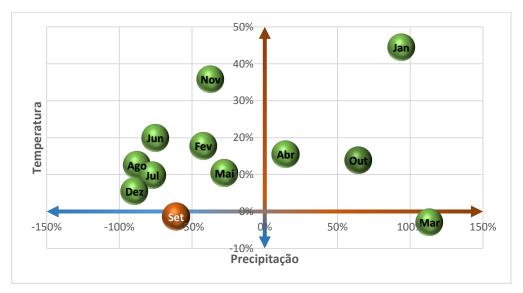


Figura 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

¹ Instituto Português do Mar e da Atmosfera





À medida que nos aproximámos do final do mês, estas incertezas meteorológicas resultaram em alterações das condições, com a chegada do outono meteorológico, que trouxe consigo a redução das temperaturas máximas e mínimas, permitindo a formação de orvalhos, neblinas matinais e alguns períodos de chuva (no último fim de semana do mês), que providenciaram alguma humidade aos solos.

No Planalto Mirandês, os ribeiros, poços, reservatórios e barragens apresentam níveis inferiores aos verificados em igual período de 2024. Muitos dos pequenos regatos deixaram mesmo de ter caudal e encontramos vegetação espontânea seca por toda a zona de observação. A maioria dos lameiros observados perderam parte da sua matéria verde e algumas culturas poderão estar a sofrer com a falta de precipitação, embora o subsolo ainda armazene água.





Figuras 4 e 5. Barragem de Penas Roias (uso urbano), com níveis a cerca de 80% em 16.09.2025. Em setembro de 2024, o nível de água rondaria os 90% (talvez um pouco mais)

Fotos por: Miguel Martins





Figuras 6 e 7. Charca impermeabilizada para sistema de rega de amendoal, a cerca de 70% da sua capacidade (o valor mais baixo desde o início do registo fotográfico), 15.09.2025, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins







Figura 8. Poço/tanque de rega para uso comunitário, que após o uso ainda consegue repor o nível da água, Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Embora com menor intensidade que em agosto, no mês de setembro também se registaram vários fogos de grandes dimensões em Trás-os-Montes, que atingiram áreas de floresta, mato, áreas agrícolas (amendoais, olivais e soutos) e ainda apiários. Os prejuízos são avultados e certamente terão um forte impacto nas explorações das diferentes localidades. Os concelhos mais afetados foram Alfândega da Fé, Vila Flôr, Lamego, Mirandela, Montalegre, Murça e Vinhais.



Figura 9. Aspeto pós fogo, em castanheiros centenários, Quirás - Vinhais

Quirás – Vinhais Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 10. Aspeto após a passagem do fogo no mosaico agrícola, Agrochão, Ervedosa - Vinhais







Figura 11. Aspeto pós fogo, em pomar de amendoeiras, Vale de Janeiro - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

A primavera chuvosa promoveu o crescimento anormal da vegetação espontânea, que se tornou de difícil controlo (apesar de terem sido realizados alguns cortes), apresentandose nesta fase seca e alta. O fogo, ajudado pelo vento forte entrou pelos pomares e essa erva seca foi uma das maiores fontes de propagação dos incêndios.

A opção de não mobilização dos terrenos devido ao sistema de produção em que estão enquadrados, talvez não se afigure como a solução ideal para regiões secas como a de Trás-os-Montes.





Figuras 12 e 13. Olivais ardidos nos concelhos de Vila Flôr e Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes









Figuras 14 e 15. Olivais ardidos nos concelhos de Vila Flôr e Mirandela Fotos por: Paulo Guedes





Figuras 16 e 17. Sobreiros ardidos nos concelhos de Vila Flôr e Mirandela Fotos por: Paulo Guedes

Ainda assim há resilientes, em Santa Comba da Vilariça, que ao lado de plantações ardidas continuam a lutar contra a desertificação da região.



Figura 18. Preparação do terreno e armação em patamares, para plantação de cultura permanente Foto por: Paulo Guedes





Na Terra Fria já se observa a preparação dos solos que estiveram em pousio e que, no próximo ano agrícola, irão ser semeados com os cereais de outono/inverno. Segundo os produtores, os solos destas parcelas estavam muito compactos e secos, devido às temperaturas elevadas do verão e à ausência de precipitação. Por este motivo, a passagem das alfaias para a preparação do solo tem de ser feita mais que uma vez, tornando o processo mais dispendioso e moroso.

Relativamente à seca, neste momento já são visíveis os impactos da ausência de precipitação – os níveis de água armazenada diminuíram ao longo do verão, sendo essa diminuição mais acentuada em agosto e setembro.

As nascentes, furos e captações de água subterrânea ainda têm capacidade para disponibilizar água e repor o nível freático, mas segundo os proprietários, em níveis inferiores quando comparados com o ano anterior e com o normal para a época/região.

Estamos perante uma situação de seca ao nível do solo, o que é anormal para a época do ano e para a região. Decorrido um verão sem precipitação, e com o mês de setembro a ser muito quente/seco, a carência de água no solo acentua-se ainda mais.

Segundo o IPMA, em igual período do ano anterior a região estava classificada com o índice de seca severa e neste momento está classificada com o índice de seca normal.

Também as barragens e os reservatórios de água existentes por toda a área de observação dispõem de menor quantidade de água armazenada, comparando com o ano anterior (ver fotos 19 e 20).



Figura 19. Charca privada, setembro de 2024, Sta Comba de Rossas - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 20. Charca privada, setembro de 2025, Sta Comba de Rossas - Bragança MESMO LOCAL





Nas barragens da área de observação da Terra Fria, - Gostei e Prada - as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas continuam a decorrer. Nestes reservatórios o nível de água armazenada é inferior, se compararmos com o ano anterior, embora a diferença não seja significativa (ver fotos 21 a 24).



Figura 21. Barragem de Gostei, setembro de 2024, Gostei - Bragança

Figura 22. Barragem de Gostei, setembro de 2025, Gostei -Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 23. Barragem de Prada, setembro de 2024, Prada – Vinhais



Figura 24. Barragem de Prada, setembro de 2025, Prada - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

As linhas de água permanentes dispõem de água corrente, mas as linhas de água temporárias permanecem secas. Segundo os produtores, os nascentes da zona de observação ainda repõem alguma água após utilização para rega. Quando se observam as agueiras nos lameiros de regadio, ainda é possível observar evidências de água corrente.





Nos dias mais quentes de setembro, as culturas permanentes como o castanheiro já evidenciam sintomas de falta de água no solo, com as folhas a apresentarem uma coloração amarela, dobradas/enroladas e murchas.

No concelho de Armamar, o Nível de Pleno Armazenamento de água da barragem de Temilobos é ligeiramente inferior ao do mês anterior, mantendo-se, contudo, acima de metade (56,2%). Se compararmos com período idêntico do ano anterior, a diminuição é notória (ver fotos 25 e 26)





Figura 25. Barragem de Temilobos, 03.09.2024, Armamar Figura 26. Barragem de Temilobos, 24.09.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Nos reservatórios para rega particulares, também é visível a diminuição do nível de água disponível, face às elevadas temperaturas registadas e consequentes necessidades de rega ao longo da campanha.



Figura 27. Charca para rega de pomóideas, 26.08.2025, Armamar

Figura 28. Charca para rega de pomóideas, 24.09.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca





No concelho de Mirandela, os níveis de armazenamento de água da barragem de Vale Madeiro são ligeiramente inferiores aos do período homólogo do ano anterior.





Figura 29. Barragem de Vale Madeiro, setembro de 2024,

Figura 30. Barragem de Vale Madeiro, setembro de 2025, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

Na sua generalidade, e tal como seria expectável, nas albufeiras para aproveitamento hidroagrícola o nível de aprovisionamento é cada vez mais reduzido. Para colmatar esta situação, e para reabastecer as linhas de água de modo geral, seria importante o regresso dos dias típicos de outono, com precipitação, orvalhadas matinais e descidas de temperatura.

No que diz respeito à Evapotranspiração de Referência (*ETo*)², os valores flutuaram bastante, fixando-se entre os 2mm/dia e os 7mm/dia. Os picos mais elevados foram atingidos nos dias 06 e 19 de setembro, sendo que nas restantes datas se mantiveram mais baixos.

A humidade relativa registou valores entre os 8 e os 98%. De notar que os valores mais baixos se concentraram a 06 de setembro e posteriormente entre os dias 16 e 18.

_

² Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.





2 Fitossanidade

1.1 Entre Douro e Minho



Figura 31. Receção das uvas (cachos com podridão) na Cooperativa de Barcelos, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Em fim de campanha, a praga que mais prejuízo tem causado na região é a Traça da Batata (*Phthorimaea opercuella*). O nível das populações aumenta de ano para ano, devido à ausência de inseticidas e anti-abrolhantes eficazes, quer no campo, quer no armazenamento, para controlar a praga e também pelo facto de ainda haver agricultores que não adotam práticas culturais adequadas.

A Estação de Avisos do Entre Douro e Minho emitiu a Circular 13/2025 no dia 23 de setembro, onde é feita a descrição do Percevejo Marmoreado Castanho/Percevejo Asiático (*Halyomorpha halys*) e onde são apresentados os meios de luta biológica para a cultura das actinídeas (kiwi). São também feitas recomendações de prevenção para pragas dos pequenos frutos e citrinos e na página 8 é apresentado o quadro I, onde estão listados os inseticidas e os atrativos homologados em 2025, para o combate à Mosca-do-Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) em citrinos e outras fruteiras.





1.2 Trás-os-Montes

Na área de observação da Terra Fria não foram observadas ocorrências fitossanitárias significativas.

Os técnicos que trabalham na fileira da castanha, a comunidade académica e a investigação afirmam que o Bichado da Castanha (*Cydia splendana*) é uma praga presente nos soutos do nordeste transmontano, pelo que alguns produtores da Terra Fria declararam já ter realizado tratamento contra esta praga. O impacto da praga é maior quando se trata do consumo em fresco.

O Bichado tem um impacto significativo na produção, sem que os produtores lhe atribuam grande importância, nem recorram a meios de luta química ou biológica para o seu controlo. Em média, estima-se que cerca de 10 a 15% da castanha possa estar bichada.

A fileira da castanha está fortemente ameaçada em todos os setores, com os inúmeros problemas fitossanitários e as alterações climáticas a representar uma dura realidade, com consequências significativamente negativas na produtividade e nas explorações agrícolas.

No entanto, existem cada vez mais produtores consciencializados de que o castanheiro não pode ser lembrado só na época da apanha e da mobilização do solo, mas que deve ser dado um olhar atento aos soutos durante todo o ciclo cultural das plantas, adotando práticas culturais capazes de as manter em bom estado fitossanitário.

A luta química revela-se muito difícil para os produtores, uma vez que os castanheiros são árvores de grande porte, exigindo equipamentos específicos para aplicação dos produtos fitofármacos, que não existem nas explorações agrícolas.

Apesar de menos conhecida pelos produtores, a luta biológica (do Bichado) surge como uma alternativa mais acessível, recorrendo a armadilhas com feromonas que se instalam nas árvores para atração (e captura em massa) dos machos dos insetos. Desta forma evita-se a propagação da espécie, bem como a realização de posturas junto dos ouriços durante a formação da castanha, com consequente migração das larvas para o interior do fruto.





Atualmente nos soutos observam-se alguns ouriços caídos no solo, que depois de abertos revelam três frutos formados – dois deles estão bichados e o terceiro é aquilo que na gíria da Terra Fria se denomina "folecra" (castanha choca ou sem polpa).

No Douro Sul foram identificados alguns pomares de macieiras e marmeleiros com suspeitas de infeção por Fogo Bacteriano (*Erwinia amylovora*), cujo agente causal é uma bactéria e que afeta espécies da família das rosáceas, nomeadamente macieiras, pereiras e marmeleiros. Trata-se de uma doença com elevado impacto económico nas explorações, dado que quando presente em grande escala pode levar à destruição completa dos pomares e respetivas produções. Foram recolhidas amostras para análise em laboratório especializado, aguardando-se os resultados.







Figuras 32 a 34. Macieiras e marmeleiros com suspeitas de infeção por Fogo Bacteriano (a aguardar confirmação), 24.09.2025

Fotos por: Suzana Fonseca





Os sintomas passam pela murchidão e morte de flores, rebentos e jovens galhos, que se tornam castanhos e secos. No caso dos rebentos, a ponta tende a dobrar-se de uma forma característica – "bordão" ou "gancho de pastor".

Também as folhas e os frutos infetados se apresentam com um aspeto "queimado" (castanho a preto), murchando e permanecendo agarrados à árvore.

As plantas com sintomas no tronco devem ser arrancadas e imediatamente destruídas (por queima ou enterramento). Caso os sintomas estejam contidos em partes das plantas hospedeiras, o corte deve ser realizado pelo menos 50 cm abaixo das partes infetadas, procedendo mais uma vez à sua remoção e destruição por queima ou enterramento.

Aconselha-se que seja dada especial atenção ao material de poda, cuja desinfeção deve ser realizada entre cada uma das plantas. A poda das árvores visivelmente infetadas deve ser realizada separadamente – antes ou depois das restantes.

Para mais informação sobre esta matéria, sugerimos que seja consultada a página da Direção Geral de Alimentação e Veterinária, através do seguinte link:

https://www.dgav.pt/?s=fogo+bacteriano

Para além desta doença, alguns pomares sofreram – no período de maturação – ataques de Bichado (*Cydia pomonella*), que comprometeram seriamente a qualidade da produção, agravando as quebras resultantes dos ataques de Pedrado (*Venturia inaequalis*) no início do ciclo.

No que diz respeito à vinha, apesar do tempo quente e seco sentido durante todo o verão, alguns produtores viram-se a braços com ataques severos de Oídio (*Erysiphe necator*) no final da maturação, que racharam as uvas e as tornaram impróprias para consumo e vinificação. As temperaturas elevadas sentidas em setembro e a falta de chuva levaram a que grande parte das uvas estejam em "passa", reduzindo não só a quantidade disponível para vinificação, como também as suas características organoléticas.

Em setembro o Serviço de Avisos não emitiu Circulares para Trás-os-Montes.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

Circulares da Estação de Avisos





3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho

As colheitas dos cereais praganosos de outono/inverno estão concluídas. Estas culturas destinam-se quase exclusivamente ao autoconsumo e à autoutilização nas próprias explorações.

Estima-se que a produção de trigo seja igual à do ano passado.

3.2 Trás-os-Montes

Está concluída há várias semanas a campanha de colheita dos cereais praganosos, que se desenrolou sem percalços e com produtividades e produções semelhantes às do ano anterior. Este foi considerado um bom ano agrícola para este tipo de culturas, pois tal como referido em boletins anteriores, estas culturas encontravam-se em muito bom estado vegetativo e livres de pragas em geral (insetos, doenças ou mamíferos), inclusivamente nas parcelas biológicas, graças a favoráveis condições climatéricas e de solo.

Logo que as condições do clima permitam, os agricultores começarão a preparar a próxima campanha agrícola, sendo já visíveis as primeiras mobilizações dos solos com vista a receber as primeiras sementeiras (por norma, as aveias são as primeiras).

Visto não se verificar nenhuma anomalia de maior no binário solo/clima, e caso as aguardadas chuvas cheguem em breve, os produtores preveem semear aproximadamente a mesma área de 2024, embora com custos acrescidos ano após ano – no preço das sementes e especialmente no dos adubos.

Na Terra Fria estão concluídas as ceifas dos cereais praganosos, tendo a campanha decorrido sem percalços. No início do mês ainda era possível encontrar em campo parcelas com os rolos/fardos de palha, que, entretanto, foram recolhidos.





Estamos perante uma campanha com produtividades e produções superiores ao ano anterior, com as reservas de palha e de grão nas diferentes explorações asseguradas para o próximo ano agrícola. No entanto, o valor do cereal e da palha está baixo, assumindo valores semelhantes ao ano anterior.



Figura 35. Pilha de fardos de palha, Zoio - Vinhais Foto por: Anabela Coimbra

Neste momento é possível observar atrelados carregados de palha, que segundo declarações dos produtores, são oferecidos a outras explorações localizadas em áreas fustigadas pelos fogos.

Neste momento os produtores de culturas cerealíferas já preparam o novo ano, sendo possível observar no horizonte as parcelas que já estão mobilizadas e que irão ser semeadas na próxima campanha com cereais de outono/inverno.

Segundo os próprios produtores, as áreas semeadas serão idênticas às da campanha que agora terminou, uma vez que os preços do cereal e da palha não são apelativos. O principal objetivo destas culturas é suprir as necessidades dos efetivos pecuários, sendo os produtores de animais aqueles que semeiam as maiores áreas – onde o centeio se destaca como a principal variedade.

As condições edafoclimáticas ao longo do mês não foram as ideais para a preparação dos solos, pelo que os produtores aguardam que ocorra alguma precipitação antes de realizarem as diferentes operações culturais que antecedem as sementeiras.

Os comerciantes locais declaram que neste momento a procura pelos adubos de fundo é praticamente nula, com poucas vendas a registar, tal como em igual período do ano anterior.





4 Milho Grão de Regadio

4.1 Entre Douro e Minho



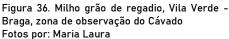




Figura 37. Milho regional de regadio, Braga, zona de observação do Cávado

O estado do milho-grão foi afetado pelo atraso nas sementeiras, que ocorreram mais tarde do que o habitual, devido às chuvas que encharcaram os campos e dificultaram os trabalhos agrícolas.

No que diz respeito ao milho de sequeiro, verifica-se um desenvolvimento vegetativo mais fraco que no ano anterior. Observam-se muitos campos onde o milho já foi cortado ou campos onde apenas as espigas foram colhidas. Estima-se que a produção de milho de sequeiro seja inferior à do ano anterior (-7%).

Por outro lado, no milho grão de regadio verifica-se um melhor desenvolvimento vegetativo, com plantas mais vigorosas e espigas completas e bem formadas.

Atualmente os campos estão nas últimas fases do ciclo fenológico, apresentando um rápido desenvolvimento impulsionado pelo calor. A produtividade é muito variável entre as diferentes zonas de observação, mas para a sub-região do Entre Douro e Minho (EDM) estima-se que seja inferior, em relação ao ano anterior (-8%).



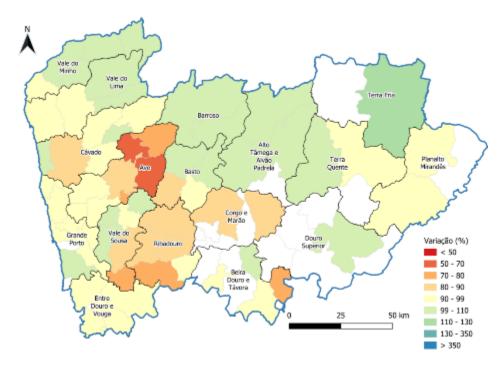


4.2 Trás-os-Montes

Esta cultura é sempre realizada em solos mais profundos, e o facto de ter disponibilidade hídrica em agosto e setembro fez diferença, com as parcelas da Terra Fria a serem mais produtivas. Prevê-se um aumento de 5% em relação à última campanha, com os valores a aproximarem-se dos normais para esta área de observação. O milho já foi colhido e neste momento está a terminar o processo de secagem, para em seguida ser descaroçado.



Figura 38. Maçarocas em processo de secagem, Vila Franca- Vinhais Foto por: Anabela Coimbra



Mapa 1. Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024





A produção é feita maioritariamente para a alimentação animal, depois do grão ser triturado.

5 Leguminosas secas - Grão-de-Bico e Feijão

5.1 Entre Douro e Minho

A seca afetou o desenvolvimento das plantas, que tiveram dificuldades de formação e enchimento das vagens, o que resultou numa produção inferior, relativamente à última campanha (-6%).

5.2 Trás-os-Montes

Em alguns locais de TM, em especial na Terra Fria, prevê-se um aumento da produção total de feijão-verde e de grão-de-bico de cerca de 5%, comparando com o ano anterior.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 Entre Douro e Minho

Estão concluídas as colheitas e a estimativa da produção de batata de regadio aponta para uma diminuição na ordem dos 8%, relativamente ao verificado no ano anterior.

Esta previsão sustenta-se nas condições desfavoráveis durante o desenvolvimento da cultura, nomeadamente na fase de tuberização (formação de tubérculos deformados e de calibre médio a pequeno, causada pela precipitação e pelas baixas temperaturas).

Registaram-se situações pontuais de escaldão no solo em plantações mais tardias, dificuldade no controlo do míldio (*Phytophthora infestans*) – com a chuva contínua a impedir a realização de tratamentos nas datas oportunas – e contaminações dos tubérculos com Traça (*Phthorimaea operculella*), que acabaram por ficar no campo, por não reunir condições para autoconsumo ou comercialização (a batata fica com um sabor desagradável).





No pós-colheita e em armazenamento doméstico, continua a dificuldade no controlo do abrolhamento e da Traça, devido à falta de produtos fitofarmacêuticos eficazes.

Os preços de mercado, à produção, têm sido idênticos aos ano anterior, havendo por isso um escoamento também ele idêntico.





Figuras 39 e 40. Batata contaminada com Traça, destinada à alimentação animal, Vila Nova de Gaia, zona de observação do Grande Porto

Fotos por: Isabel Correia

62 Trás-os-Montes

As hortas familiares atravessaram, este ano, uma boa época agrícola e disponibilizam nesta fase os últimos legumes.

A cultura das abóboras já terminou o seu ciclo vegetativo, com os produtores a iniciar a sua colheita. Este ano os calibres são menores, observam-se menos abóboras, menos tenras e com menor espessura de polpa comestível para os efetivos pecuários, o que se irá traduzir em menor produtividade e produção total, comparando com a campanha anterior. Estas são as consequências de um verão muito quente/seco.

No Planalto Mirandês em particular, apesar da quantidade de água disponível para regas ter diminuído ao longo do ano, os recursos hídricos nunca escassearam, tendo sido suficientes para regas constantes. As diferentes hortaliças, cujos ciclos vegetativos estão a terminar, tiveram um bom desenvolvimento vegetativo e não há relatos de quebras em qualquer dos produtos hortícolas, nem da sua sanidade.





No caso da batata, há inclusivamente quem refira que, no mesmo local, tenha tido maior produção que no ano anterior.





Figuras 41 e 42. Horta em Mogadouro, que ainda disponibiliza uma grande variedade de produtos – feijão, tomate, pimento e abóbora.

Fotos por: Miguel Martins







Figuras 43 a 45. Hortas em Mogadouro, onde encontramos vagens de feijão (cima, esq.), couve de inverno junto com batata (cima, dir., para apanhar propositadamente no outono) e batata-doce (à esq.)

Fotos por: Miguel Martins

No Douro Sul, setembro foi o mês de terminar a colheita da batata de regadio, com os produtores a referir produções semelhantes às do ano anterior.





As hortas familiares continuam a providenciar produtos variados com bastante qualidade, não se sentindo constrangimentos no que respeita à disponibilidade de recursos hídricos para rega.





Figuras 46 e 47. Hortas familiares em plena produção, com diversos produtos - tomate, feijão, pimentos, couves, abóbora, entre outros, 24.09.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Na Terra Fria os produtores continuam a priorizar as regas nas hortas e na batata de regadio.

A batata de sequeiro já foi toda recolhida, com os tubérculos muito irregulares e de baixa qualidade. Segundo os produtores locais, a produção total assume valores semelhantes aos da última campanha.



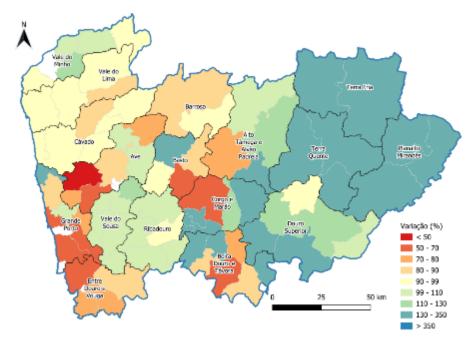
Figura 48. Cultura da batata de regadio, Zoio - Bragança Foto por: Anabela Coimbra

A campanha de recolha da batata de regadio já teve início, com os produtores a declarar um aumento de produção de cerca de 5% em relação ao ano anterior, com calibres mais regulares. A batata feita em terrenos localizados em cotas mais elevadas – nas localidades de Montesinho, Martim,

Rebordelo e Zoio - só será colhida no início do próximo mês.







Mapa 2. Evolução da produção de batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (kiwi)



Figura 49. Pomar de kiwi da variedade "Érica", com muita fruta vingada,

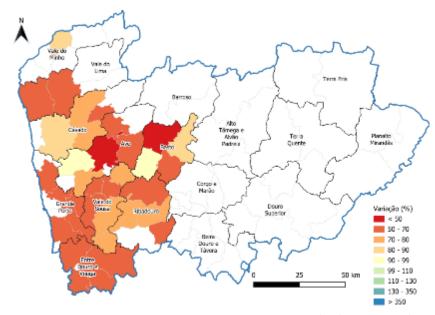
Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves





As reservas de água para rega têm sido suficientes para a cultura, apesar da escassa precipitação registada. Em comparação com o ano anterior, tem-se verificado um bom desenvolvimento e espera-se que seja um ano com frutos de boa qualidade.



Mapa 3. Evolução da produtividade do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Estima-se que as produtividades sejam superiores (+12%), quando comparadas com o ano anterior, pois existe maior quantidade de fruto, que neste momento se encontra na fase de crescimento.

O kiwi da variedade "Arguta" já foi colhido e confirma-se também o aumento da produção.

Aveleiras, Nogueiras, Castanheiros



Figura 50. Pomar de aveleiras, 19.09.2025, Valadares - Baião, zona de observação de Ribadouro

Foto por: Joaquim Moreira





Em relação à noz, a estimativa aponta para uma maior produtividade (+4%), se compararmos com o ano passado. Na zona de observação do Lima observava-se muita fruta, mas quase todas as árvores estão a ficar afetadas pela Bacteriose da Nogueira (Xanthomonas arborícola pv).

Já na zona de observação do Entre Douro e Vouga, houve registos de ataques de Mosca da Casca Verde da Noz (*Rhagoletis completa*), em que o fruto fica com a casca verde agarrada, sendo impossível de ser aproveitada para consumo.

Os castanheiros das variedades temporãs que estão em terras férteis, têm mais ouriços e há mais produção.

As variedades mais tardias, como a "Amarelal", têm menos ouriços e são mais pequenos. Espera-se que cada ouriço tenha menos castanhas, mas de maior calibre.



Figura 51. Castanheiro com ouriços formados, Meixedo - Viana do Castelo, zona de observação do Lima



Figura 52. Ouriços em fase de abertura, Meixedo - Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Nos castanheiros que estão em terras secas ou mais fracas, os ouriços ficaram muito pequenos e não se espera grande produção. Estima-se uma maior produtividade, comparativamente ao ano passado (+4%).

Citrinos

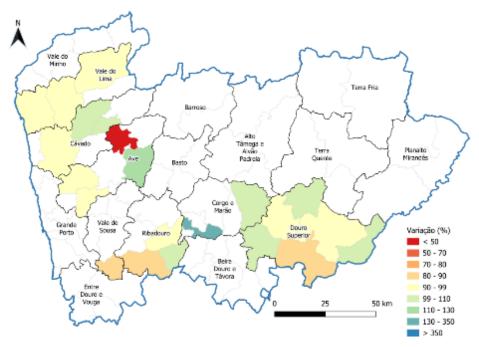
Fotos por: Sandra Coelho

A produção de laranja que decorreu nos primeiros meses do ano foi semelhante à do ano anterior. Quanto à próxima época de produção a quantidade de fruta vingada é inferior, pelo que a estimativa global de produção é ligeiramente inferior, por comparação com o ano transato (-3%).





As plantas apresentam um desenvolvimento normal, sem grandes problemas fitossanitários, mas com alguma pressão da Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). Recordamos que nesta região a produção advém de pequenos pomares familiares e é para autoconsumo, pelo que a qualidade da fruta produzida é fraca.



Mapa 4. Evolução da produção da laranja por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

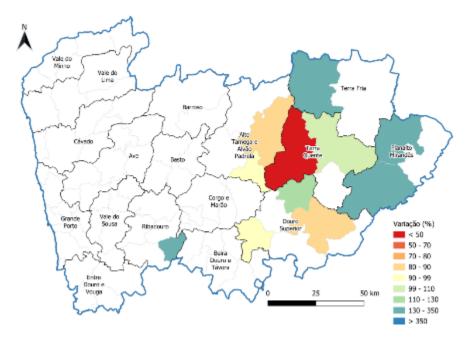
Figueiras

Em relação ao figo, é a época dos figos vindimos, cuja colheita decorre de julho até meados de setembro. Estima-se uma produção superior à do ano passado (+9%), com muitas camadas e com os frutos colhidos e comercializados a apresentar uma boa doçura.

Contudo, a precipitação ocorrida no início de setembro leva a que o fruto colhido em bom estado se venha a estragar muito rapidamente.







Mapa 5. Evolução da produção do figo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Mirtilos

Continua a colheita das variedades tardias de mirtilo ("Centra Blue"), na sub-região do EDM. Esta variedade constitui uma janela de oportunidade, quando já não há produção de outro mirtilo no mercado.

Pessegueiros

A estimativa é de uma maior produção de pêssego (+3%), por comparação com o verificado no ano passado.

Pomóideas

Em relação à maçã e à pêra, mantêm-se as estimativas que apontam para quebras nas produções (-4% e -8%, respetivamente), originadas pelas más condições climatológicas na altura do vingamento.

Realça-se a fraca qualidade da fruta colhida, devido a problemas fitossanitários.







Figura 53. Maçã da variedade "Porta da Loja", Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Aveleiras, Nogueiras, Castanheiros

Tal como tínhamos apontado no Boletim do mês anterior, as previsões para a produção de frutos secos em Trás-os-Montes são pouco animadoras.

Resultado de um mau vingamento dos frutos após a floração, a quantidade de amêndoa nos pomares foi muito variável, dependendo da sua localização e das variedades existentes. Os incêndios também consumiram parte dos pomares e da sua produção, pelo que neste momento, nas principais zonas de produção do Douro Superior, são apontadas quebras mínimas entre os 35-45%, comparativamente com a produção obtida no ano anterior. No final da campanha estes valores serão ainda revistos.

A colheita da amêndoa decorre com normalidade, aproveitando o tempo quente e seco, que facilita os trabalhos e preconiza maior qualidade no processo de conservação do grão.





No Planalto Mirandês receia-se que os dois últimos meses (mais secos) possam ter acelerado a maturação, resultando num grão de calibre inferior, com quebras ligeiras na produtividade. Estas previsões divergem de uns locais para outros, mas fato comum é que a amêndoa se encontra em bom estado vegetativo.



Figuras 54 e 55. Amendoal jovem e pormenor da amêndoa, Castelo Branco - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins



Figuras 56 e 57. Amendoal em socalcos e regime de regadio e pormenor da amêndoa, Castelo Branco - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins







Figuras 58 e 59. Jovem amendoal e aspeto da sua amêndoa, que apresenta bom desenvolvimento vegetativo, quando em maio/junho aparentava estar atrasado, dada a sua localização, altitude e clima, geralmente mais frio do que aquele que podemos encontrar em áreas de maior concentração de amendoal, Travanca - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente a falta de precipitação e o calor extremo que se fez sentir nos meses de julho e agosto condicionaram muito o desenvolvimento desta cultura. Também aqui o miolo da amêndoa apresenta calibres inferiores ao expectável para um ano normal, tendo como consequência rendimentos muito inferiores. Por outro lado, existe uma compensação para os produtores pelo facto do preço estar 25% mais elevado que o praticado no início da campanha de comercialização do ano anterior.

Tal como na restante região transmontana a floração foi boa, mas grande parte dos frutos não vingou devido aos frios noturnos e às geadas tardias.





Figuras 60 e 61. Pomar de amêndoa jovem, regime de regadio, com frutos de maior calibre e maior produtividade Fotos por: Paulo Guedes





Os pomares mais novos, com variedades mais recentes e principalmente aqueles que são regados, apresentam um panorama mais positivo, registando-se casos de duplicação da produção, em relação ao verificado no ano anterior.

Os pomares situados a cotas mais baixas tiveram maior dificuldade e apresentam um estado vegetativo mais debilitado.

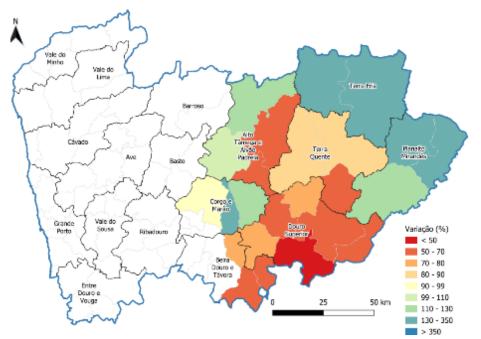




Figuras 62 e 63. Apanha mecânica da amêndoa

Fotos por: Paulo Guedes

A previsão aponta para uma quebra significativa da produção, que poderá rondar os 45-50% a menos que no ano anterior.



Mapa 6. Evolução da produção da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024





Na Terra Fria a campanha da apanha da amêndoa está a terminar, com os produtores a terminar a secagem e o ensaque. A campanha decorreu sem percalços e, em oposição ao que se verificou nas restantes sub-regiões, os produtores referem que o calibre da amêndoa deste ano é superior, estando perante uma campanha mais produtiva que no ano anterior (+10%).

Também na Terra Fria as aveleiras terminaram o seu ciclo vegetativo no início do mês, com os frutos a destacarem-se do pedúnculo e a cair sobre o solo nos últimos dias de setembro (ver fotos 65 e 67). Os produtores realizam nesta fase a apanha da avelã, que se prevê concluída até ao final do mês.



Figura 64. Aspeto do pomar de avelãs em regime de Figura 65. Aspeto das avelãs caídas no solo, Vinhais sequeiro, Vinhais



Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 66. Aspeto do pomar de avelãs em regime de sequeiro, Gostei - Bragança

Figura 67. Aspeto das avelãs caídas no solo, Gostei -Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra





Os frutos apresentam maior calibre quando comparados com os da campanha anterior, pelo que se prevê uma produtividade também ela superior.

Os pomares de avelã têm tido um aumento de área significativo, com cada vez mais áreas a entrar em plena produção, pelo que também se estima um aumento da produção total.

A cultura da noz está a terminar o seu ciclo vegetativo na Terra Fria, com as nogueiras a apresentarem-se em bom estado sanitário, embora já com muita folha seca. Aguardam-se as primeiras chuvas de outono, para que se reúnam as condições ótimas para a apanha, prevista para o mês de outubro.



Figura 68. Aspeto das nozes em regime de sequeiro, Quintela - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Figura 69. Aspeto do pomar de nogueiras, Quintela - Vinhais



Figura 70. Aspeto das nozes em regime de sequeiro, Bragança

..g.....g....

Fotos por: Anabela Coimbra





Esta campanha os calibres são mais regulares e a produtividade esperada será superior à do ano anterior, o que se traduzirá numa maior produção total.

Embora ainda não se tenha iniciado a colheita da noz no Douro Sul, as previsões apontam para alguma quebra de produção/produtividade, associada ao desenvolvimento de Bacteriose nos frutos. A quantidade de necroses na casca verde tem vindo a aumentar, prevendo-se quebras de produtividade na ordem dos 5-10% (dependendo dos locais).

Ainda no Douro Sul, mas no que diz respeito à castanha, as perdas são enormes.

Para além das quantidades perdidas nos incêndios, prevê-se que a falta de precipitação persistente leve ao "não enchimento" dos ouriços e provoque quebras de produtividade acentuadas.

Como foi referido no boletim de agosto, em alguns concelhos as perdas serão muito grandes, com parte da produção a perder-se diretamente para os incêndios e outra parte a ficar afetada pela proximidade com o fogo e pelas altas temperaturas a que as árvores estiveram expostas. No concelho de Sernancelhe regista-se ainda a presença forte de Vespa-da-Galha dos castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*), que afetou grande parte dos soutos e cujo controlo necessita de ser intensificado para o próximo ano, através de largadas do inseto parasitóide (*Torymus sinensis*).

Nos restantes concelhos os soutos apresentam-se em boas condições, com ouriços em grande número, mas a precisar urgentemente de alguma precipitação.



Figuras 72 e 73. Pequeno souto bem desenvolvido e saudável e pormenor dos seus ouriços, 24.09.2025, Armamar Fotos por: Suzana Fonseca







Figuras 74 e 75. Jovem castanheiro e aspeto dos seus ouriços, Bruçó - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins

Também no Planalto Mirandês a apreensão é crescente, à medida que o tempo passa sem registos de precipitação. Apesar da falta de água, os pomares de castanheiros aparentam bom desenvolvimento vegetativo, não se verificando ataques de fungos ou insetos. Se as condições meteorológicas se mantiverem, a campanha poderá resultar num fruto de menor calibre e consequentemente com menores produtividades.

Neste momento alguns soutos já foram mobilizados (lavrados ou destroçados) para controlo da vegetação, facilitando a apanha da castanha de modo manual (tradicional) ou mecanizado.



Figuras 76 e 77. Velho castanheiro e pormenor dos seus ouriços, Bruçó - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins





O bom estado vegetativo é transversal tanto a plantas jovens, como a velhos castanheiros.

A castanha da Terra Fria está neste momento na fase de engorda do fruto, com um atraso de cerca de 12-15 dias em relação ao ano anterior.

No início do mês observavam-se em campo castanheiros adultos em stress hídrico, mas com a descida das temperaturas máxima e mínima a partir do dia 22, reuniram-se condições mais favoráveis para esta cultura, que neste momento necessita de alguma precipitação para que a castanha engorde no interior do ouriço e para que as plantas restabeleçam o seu equilíbrio hídrico. O vento também tem sido uma constante, contribuindo negativamente para secar o solo e as plantas.

Segundo declarações dos produtores e de outros agentes comerciais da região, estaremos perante uma campanha mais produtiva que a anterior, pois observam-se mais ouriços vingados nos ramos (ver fotos 78 e 79), prevendo-se maior produção total - desde que o solstício do outono traga consigo a precipitação.

Tal como noutras zonas, por toda a área de observação já é possível constatar que os produtores de castanha preparam a superfície do solo dos soutos para a realização da colheita. É frequente observar tratores a fazer mobilizações, a destroçar ou a passar rolos, entre outras operações culturais (em função do método de apanha de cada exploração).



Ossos - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 78. Aspeto dos ouriços, setembro 2024, Vilar de Figura 79. Aspeto dos ouriços, setembro 2025, Vilar de Ossos - Vinhais MESMA PARCELA, MESMO RAMO





Nas variedades temporãs, já é possível observar ouriços abertos e castanhas caídas no chão (ver fotos 80 e 81). Os calibres destas variedades são superiores e das três castanhas por ouriço, duas são frutos viáveis e de calibre razoável.



Figura 80. Aspeto dos ouriços/castanha, variedade Bouche de Bétizac - Vinhais Foto por: Anabela Coimbra



Figura 81. Aspeto da castanha temporã, variedade Bouche de Bétizac, Vinhais Foto por: Anabela Coimbra

Segundo os agentes económicos locais, neste momento ainda não existe mercado para a castanha temporã, pois não se regista procura.

As temperaturas durante o mês foram geralmente elevadas e, com tempo assim, não apetece comer castanha assada. O alimento de conforto, que se come quentinho no início do outono nos dias chuvosos e frios, ainda não tem procura.

Neste momento as temperaturas ainda são convidativas ao consumo de gelados e bebidas frescas.







Figura 82. Aspeto dos ouriços vingados, variedade longal, Espinhosela - Bragança Fotos por: Anabela Coimbra

Figura 83. Souto em regime de sequeiro, Espinhosela - Bragança MESMA PARCELA, MESMA ÁRVORE, ANOS DIFERENTES

Também na Terra Quente se prevê um aumento de produtividade da castanha, em cerca de 200% relativamente ao ano anterior. É pelo menos esta a expetativa dos produtores, pois os últimos 4 anos pautaram-se pelas baixas produções, devido a muitos problemas fitossanitários, com fraca qualidade do fruto obtido.

A ocorrência de precipitação será determinante para o incremento no desenvolvimento dos ouriços, proporcionando melhores calibres do fruto.



Figura 84. Souto na Terra Quente Foto por: Paulo Guedes

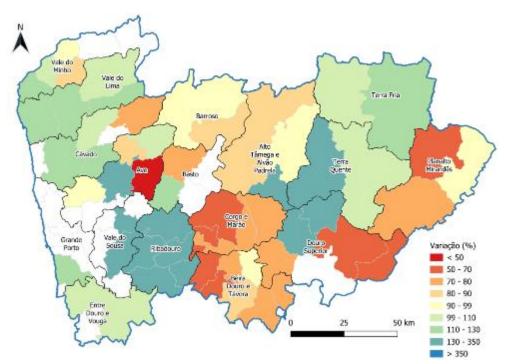




Assinalamos a realização de uma ação de divulgação da castanha Judia em Rio Bom, Carrazedo de Montenegro, que decorreu com a presença de produtores, técnicos do setor e entidades oficiais.



Figura 85. Ação de divulgação "Judia com Futuro V", Rio Bom - Carrazedo de Montenegro Foto por: Paulo Guedes



Mapa 7. Evolução da produtividade da castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024





Pomóideas

Os pomares do Douro Sul, cuja colheita se iniciou no mês de agosto, registam significativas perdas de produção, associadas a danos provocados pelo Pedrado (*Venturia inaequalis*) e pelo Bichado (*Cydia pomonella*).

Como referido em boletins anteriores, as condições meteorológicas na altura da floração conduziram a uma redução da quantidade de frutos vingados, a que mais tarde se juntou uma intensidade de ataque de Pedrado, que os produtores tiveram muita dificuldade em controlar.

No fim do ciclo, em plena maturação dos frutos, registou-se um ataque de Bichado, mesmo em pomares onde tradicionalmente se usa a técnica de Confusão Sexual, por recurso a feromonas, levando a que parte da produção deixe de ter valor comercial, sendo encaminhada para a indústria. A maçã saudável atingiu calibres e °Brix muito bons.

É previsível que os golpes de calor que a maçã sofreu no período de verão possam influenciar negativamente a sua capacidade de conservação ao longo do ano.

Durante o mês de setembro foram colhidas as principais variedades de maçã, estimandose uma redução de cerca de 30 a 40% da produção de "Royal Gala", face aos valores colhidos no ano anterior. Ainda é cedo para avançar com dados sobre as restantes variedades, mas prevê-se uma redução transversal a todas elas (ainda que menor).





Figuras 86 e 87. Pomares de macieiras, variedade "Golden Delicious", 24.09.2025, Armamar Fotos por: Suzana Fonseca





Também na pêra os relatos apontam para quebras de produção, face às expetativas iniciais.

Neste cenário, só o aumento das cotações pagas à produção poderá evitar abruptas quebras de rendimento dos produtores daquela região.

A fruta colhida tem, nesta fase, dois destinos – a comercialização imediata (menos representativa) e a refrigeração. Este armazenamento em câmaras de temperatura e/ou atmosfera controladas permitirá comercializar a maçã durante os próximos 10-12 meses, até à nova colheita.

Importa recordar que a comercialização da maçã ao consumidor final é, em muitos casos, sobrevalorizada face aquilo que são os rendimentos dos produtores. Frequentemente encontramos nas superfícies comerciais maçã cotada a 2-2,5€/kg que saiu dos pomares a 0,2-0,3€/kg. Esta amplitude impele os produtores a viver "no limite", impossibilitando-os de suportar qualquer variação nos custos ou nas quebras de produção e comprometendo a continuidade desta atividade na região.

Na pequena área de pomóideas que se tem vindo a implantar no Planalto Mirandês, apesar das adversidades meteorológicas que se fizeram sentir ao longo da campanha, os pomares encontram-se em bom estado e os produtores referem que a produtividade será semelhante à do ano anterior.

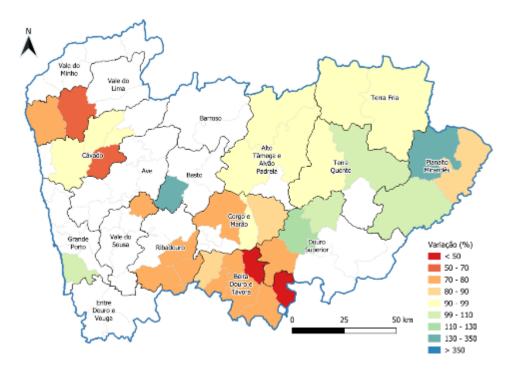




Figuras 88 e 89. Pomar de macieiras e pormenor dos seus frutos, Azinhoso - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins







Mapa 8. Evolução da produtividade de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Pessegueiros

No concelho de Alfândega da Fé realizaram-se as colheitas das últimas nectarinas, que sofreram ataques de Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). Apesar das temperaturas altas, a praga desenvolveu-se em alguns dias em que se verificou arrefecimento noturno, com algumas manhãs de temperaturas mais amenas.

Os produtores optaram por encerrar a campanha mais cedo, pois não se justificam os custos acrescidos de mão de obra na colheita, com a escolha cuidadosa de fruta não afetada pela Mosca.

Nas variedades mais precoces, a influência da geada nos primeiros dias de abril originou uma quebra substancial no número de frutos vingados, levando a que esta série de contratempos resultasse numa redução global da produção global em cerca de 30%, face aos valores do ano anterior.









Figuras 90 e 91. Pomar de nectarinas, Alfândega da Fé Fotos por: Paulo Guedes

8 Vinha

8.1 Entre Douro e Minho

Apesar das condições climatológicas terem sido bastante favoráveis e beneficiado a qualidade das uvas, estima-se uma menor produção de uva de mesa (-10%), em comparação com a campanha anterior.



Figura 92. Vinha em bordadura, 22.09.2025, Mancelos - Amarante, zona de observação do Ribadouro Foto por: Joaquim Moreira





O controlo fitossanitário da vinha foi favorecido pelas condições meteorológicas que se fizeram sentir no EDM.

Na zona do Alvarinho as vindimas iniciaram-se no final de agosto, cerca de uma semana mais cedo que em 2024. Neste momento estão praticamente finalizadas, sendo que as principais adegas terminaram o período de recolha entre os dias 20 e 23 deste mês.





Figuras 93 e 94. Vindima em Abedim - Monção, zona de observação do Minho Fotos por: Sandra Coelho

A vindima decorreu com alguns períodos de chuva, que não impediram a realização dos trabalhos. Este período com humidade elevada fez com que, no final da vindima, começassem a surgir as podridões, principalmente na casta "Trajadura".





Figuras 95 e 96. Processo de entrega das uvas na Adega Cooperativa – medição do grau alcoólico com sonda (esq.) e visor com registo do grau com que as uvas da casta "Alvarinho" foram entregues (dir.), zona de observação do Minho Fotos por: Aurora Alves







Figura 97. Processo de entrega das uvas na Adega Cooperativa (cont.) – esmagamento das uvas, zona de observação do Minho Foto por: Aurora Alves

De uma forma geral, a qualidade da uva foi muito boa e as graduações da casta "Alvarinho" continuam a bater recordes. Quanto à produção de uva para vinho, a estimativa é de que seja superior à do ano anterior (entre 10-12%), ainda que se deva bastante à entrada em

produção de novas vinhas.

Nas restantes subzonas dos vinhos verdes, as vindimas estão na fase final. Mantém-se a estimativa de uma produção um pouco inferior (-9%), em relação à campanha anterior, mas a qualidade sanitária das uvas é muito boa, sem grande incidência de podridões e com bagos cheios e com bom rendimento.

Alguns pequenos vitivinicultores não conseguiram vender a uva às habituais empresas vitivinícolas, que alegaram excesso de *stock*.

Na fase inicial das vindimas o rendimento foi menor, mas a pouca chuva que ocorreu foi suficiente para melhorar o tamanho dos bagos e beneficiar o rendimento das uvas em vinho. O grau de álcool provável é elevado e a acidez baixa, com algum desequilíbrio nas castas mais temporãs, designadamente "Fernão Pires" e "Trajadura".





8.2 Trás-os-Montes

Setembro é o mês de excelência para realizar as vindimas em Trás-os-Montes.

Um pouco por toda a região encontramos vinhas prontas a colher ou já vindimadas, na azáfama característica desta época do ano.



Figuras 98 a 100. Coleção ampelográfica de castas da Região Demarcada do Douro, onde a vindima já teve lugar, 24.09.2025, Peso da Régua

Fotos por: Suzana Fonseca

Como já referimos neste Boletim, a campanha de 2025 ficou marcada pela redução da quantidade de uvas logo numa fase inicial, devido a perdas por desavinho e bagoinha.

Ao longo do seu ciclo de desenvolvimento as videiras foram ainda afetadas pelo Míldio, Oídio e escaldão tendo sido parte delas consumida nos graves incêndios que afetaram a Região Norte.

Em resultado de todos estes fatores temos uma quebra significativa de uvas disponíveis, quer em quantidade, quer em qualidade.

No Planalto Mirandês a vindima está longe de terminar, tendo a campanha iniciado nos primeiros dias de setembro (concelho de Mogadouro), avançando para norte e oeste (Vimioso e Miranda do Douro, respetivamente) logo em seguida. De acordo com alguns produtores a produtividade foi normal e semelhante à do ano anterior, mas segundo outros houve uma descida (máxima) de 10%.







Figuras 101 e 102. Vinhas "velhas" não aramadas e aspeto das suas uvas, em bom estado vegetativo e com cachos cheios e sãos, Prado Gatão - Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 103 e 104. Vinha "jovem" aramada e pormenor dos cachos, Prado Gatão - Miranda do Douro Fotos por: Miguel Martins

Os cachos apresentam-se com um desenvolvimento vegetativo normal, mas poderiam estar um pouco mais cheios se tivesse ocorrido alguma precipitação nas últimas semanas. No geral, a época das vindimas está a decorrer sem problemas.



Figuras 105 e 106. Vinha em Bemposta e aspeto dos seus cachos - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins









Figuras 107 e 108. Adega Rovim, em Bemposta, propriedade da Sogrape Vinhos S.A., local com maior expressão na região para processamento das uvas e onde se pode ver a linha de entrega/descarga das uvas e pormenor do tegão de receção das uvas - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Fria a vinha terminou o seu ciclo e a partir da primeira semana de setembro as uvas atingiram o teor de açúcar aceitável para a vindima. A principal unidade de transformação desta sub-região, localizada em Rebordelo (Adega Cooperativa do Rabaçal) iniciou a campanha no dia 11, encerrando no dia 30.



Figura 109. Aspeto dos cachos de uvas para vinho tinto, regime de sequeiro, Curopos - Vinhais

, Curopos - Vinhais

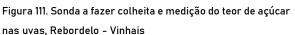
Fotos por: Anabela Coimbra





Segundo os responsáveis desta unidade, os cachos apresentam-se em bom estado sanitário, apesar de serem menores (assim como os bagos) e possuem elevado teor de açúcar, prevendo-se que a produção de vinho deste ano seja também ela mais reduzida, mas de excelente qualidade e com maior teor alcoólico, pois não se registaram ocorrências fitossanitárias. A vindima decorre num período mais curto que o habitual, devido à redução da produtividade e da produção total.





Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 112. Aspeto de uvas tintas, no tegão de descarga numa unidade de transformação, Rebordelo - Vinhais

No Douro Superior, as quebras de produção são bastante elevadas, situando-se entre os 30-50% nos concelhos mais afetados. Importa notar a heterogeneidade destas perdas, que nas zonas mais quentes podem ir até aos 70%, ficando-se pelos 10% nas zonas mais frescas.

Tal como já foi referido, as principais causas recaem nos problemas fitossanitários, nos incêndios e nas temperaturas elevadas, sendo estas últimas responsáveis por escaldões e desidratação das uvas, que chegaram às adegas "mirradas" (com a consequente perda de produtividade).

Contrariamente ao que eram as expetativas iniciais nesta sub-região, a procura por uvas para fazer face aos compromissos das unidades transformadoras disparou, levando a que ocorressem tentativas de introdução de uvas oriundas de outras regiões.





Uma das ações de fiscalização conjunta da ASAE³ e do IVDP⁴ permitiu identificar uma tentativa de entrada ilícita de várias toneladas de uvas na Região Demarcada do Douro, contribuindo dessa forma para a salvaguarda da produção regional.

9 Olival

9.1 Entre Douro e Minho

No olival do EDM há muito mais fruto vingado que no ano anterior. Olivais bem tratados estão carregados de fruto, com os ramos vergados com o peso.

A variedade "Galega" foi especialmente produtiva, já a "Cobrançosa" teve vingamento mais fraco. Contudo, a "Galega", que no ano passado já estava no início da maturação, está este ano mais atrasada.

Existem casos de olivais cujo fruto sofreu com o excesso de calor e apresenta-se desidratado, temendo-se que com a falta de humidade e com a continuidade do calor e da seca a azeitona comece a murchar e o fruto possa cair (tal já se tem vindo a verificar). Na zona de observação de Entre Douro e Vouga já foi necessário realizar tratamentos fitossanitários para controlo da Gafa (*Colletotrichum* spp.), do Olho-de-Pavão (*Spilocaea oleagina*) e da Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*).

Só alguns produtores é que realizam estes tratamentos, pois na sua grande maioria tratase de pessoas idosas e o olival é disperso.

Por outro lado, na zona de observação de Ribadouro e Sousa, onde as condições climatéricas nas últimas semanas foram favoráveis à cultura, sem pressão de doenças ou pragas (como as referidas anteriormente), há bastante heterogeneidade na carga de azeitona de cada oliveira – numa mesma parcela coexistem oliveiras com muita azeitona e outras com muito poucas ou nenhumas.

Perspetiva-se uma muito maior produtividade (2,1 vezes mais), por comparação com o verificado no ano anterior.

³ Autoridade de Segurança Alimentar e Económica

⁴ Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto







Figura 113. Oliveira com o fruto em crescimento, Meixedo – Viana do Castelo, zona de observação do Lima Foto por: Sandra Coelho

9.2 Trás-os-Montes

Na região transmontana mantêm-se as previsões de redução da produção e da produtividade, resultado de fatores diversos.

Por um lado, temos a extensa área de olivais ardidos neste verão e por outro a redução do vingamento dos frutos.

Nalguns locais, registam-se ainda relatos de ataques intensos de Gafa da Oliveira (*Colletotrichum* spp.), doença provocada por um leque de fungos e que leva à destruição das azeitonas por desidratação e mumificação e de Mosca-da-Azeitona (*Bactrocera oleae*).

Na Terra Fria, e tal como já tinha sido referido no Boletim de agosto, verifica-se uma grande heterogeneidade nos olivais, quer na azeitona de mesa, quer na azeitona para azeite. Essa heterogeneidade é maior nas variedades mais antigas, como a Santulhana, a Madural e a Cordovil.

As variedades Cobrançosa e Verdeal são as que apresentam mais frutos e produção mais homogénea.

Segundo os produtores, a precipitação constante e o frio verificados na fase de floração tiveram um impacto negativo na polinização e no vingamento dos frutos, prevendo-se uma redução na produção de azeitona.







Figura 114. Aspeto da azeitona para azeite, Rebordelo - Vinhais

Figura 115. Aspeto do olival explorado em regime de sequeiro, Rebordelo -Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 116 e 117. Exemplo de pequeno olival e aspeto da sua azeitona, Vale de Porco - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins

No Planalto Mirandês as previsões também apontam para ligeiras descidas na produtividade – seja para produção de azeitona de conserva, seja para produção de azeite – mas para já os frutos apresentam-se sãos e com desenvolvimento normal.

Na Terra Quente, e na atual conjuntura de seca vigente, todas as culturas feitas essencialmente na condição de sequeiro, na qual a oliveira se inclui, atingiram níveis de stress hídrico muito elevados, com as árvores a apresentarem um desenvolvimento vegetativo abaixo do normal.





A oliveira, apesar de ser uma planta que se tem adaptado às condições climatológicas do nosso território (resiste a temperaturas negativas no inverno e a temperaturas de 40°C no verão), este ano teve muitas dificuldades em subsistir, não se tratando apenas da dificuldade em produzir, mas também da dificuldade de sobrevivência da própria planta.

Este ano, com a falta de água no período estival, observa-se a azeitona a definhar de dia para dia, sendo que não há previsões de chuva. Teme-se que a chuva ocorra demasiado tarde para que se forme azeite, pois em alguns casos estaremos a cerca de duas semanas da colheita. A agravar, e se ocorrerem ventos fortes, a azeitona acabará por soltar-se com demasiada facilidade e nessa altura estará perdida.



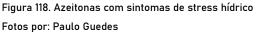




Figura 119. Azeitonas atacadas pela Mosca da Azeitona

Estima-se que a quebra de produção ronde os 50%, comparativamente com o ano anterior, sendo mais acentuada no concelho de Mirandela. Nos olivais de concelhos situados a cotas mais elevadas a situação não é tão dramática, havendo até casos em que se estima uma boa produção.







Figura 120. Azeitonas atacadas pela Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*)

Foto por: Paulo Guedes

No Douro Sul a realidade é muito diferente, quando se trata das zonas mais quentes do Douro Superior e das zonas mais frescas da Beira Douro e Távora.

Nos concelhos do Douro Superior, em particular nos mais afetados pelos incêndios – Freixo-de-Espada-à-Cinta, Torre de Moncorvo e Vila Nova de Foz Côa – as previsões são para quebras de produção da azeitona de mesa na ordem dos 40-50%, se não ocorrer precipitação nas próximas semanas. Se assim for, os produtores apenas colherão para conserva as azeitonas provenientes de olivais em regime de regadio. As restantes não atingirão calibres que permitam essa utilização e serão por isso encaminhadas para a produção de azeite, que também estará muito dependente das condições de temperatura e precipitação do próximo mês.

Por outro lado, na Beira Douro e Távora, região menos afetada pelos extremos climatológicos, as oliveiras apresentam uma percentagem de frutos razoável, que neste momento não acusam sinais de stress hídrico, nem estragos significativos provocados por pragas ou doenças.





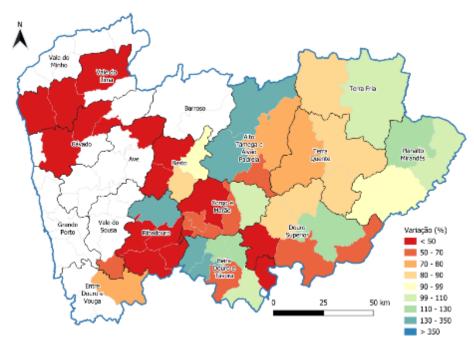
A azeitona aqui produzida tem como objetivo a produção de azeite e as perdas a assinalar estão diretamente ligadas aos incêndios e ao não vingamento dos frutos numa fase inicial (devido à chuva constante e baixas temperaturas noturnas).



Figura 121. Oliveiras com carga de frutos razoável, 24.09.2025, Armamar

Figura 122. Oliveiras com boa carga de frutos, 24.09.2025, Moimenta da Beira

Fotos por: Suzana Fonseca



Mapa 9. Evolução da produtividade da azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024





10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 Entre Douro e Minho



Figura 123. Bovinos em pastoreio, Gavieira - Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima Foto por: Sandra Coelho



Figura 124. Pastoreio livre no baldio, Gavieira – Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima Foto por: Sandra Coelho

Os incêndios que ocorreram por toda a sub-região do EDM, afetaram uma vasta área de floresta, assim como de pastagens pobres e matos (Baldios), obrigando os animais em regime de pastoreio livre a percorrer uma área maior para encontrar alimento.

Os agricultores viram-se forçados a reforçar a alimentação com palhas.







Figura 125. Prado temporário com bom aspeto vegetativo, Ganfei - Valença, zona de observação do Minho Foto por: Aurora Alves

Não se registou precipitação suficiente para o desenvolvimento das espécies de outono/inverno que compõem as pastagens temporárias, permanentes e permanentes pobres, assegurando a sua renovação.



Figura 126. Silagem do ano anterior, aberta para utilização, Carreço - Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

A estimativa é para uma diminuição da produção das pastagens permanentes semeadas (-6%), diminuição da produção das pastagens permanentes melhoradas (-22%) e diminuição das pastagens permanentes pobres (-2%), por comparação com o ano passado.





Verifica-se uma grande heterogeneidade dos milhos forrageiros, que varia em função da data de sementeira (as condições climáticas nesta fase são determinantes para o "arranque" da cultura), do tipo de solos e da disponibilidade/eficiência da rega.

Após a sementeira, as condições climatéricas foram pouco favoráveis para esta cultura, pois a elevada precipitação associada a frio ou calor repentino levou a que se formasse uma crosta no solo, impedindo a germinação. As temperaturas muito elevadas causaram stress térmico na planta e a polinização coincidiu com períodos de elevadas temperaturas, originando searas em que o milho cresceu, mas a espiga ficou com menos filas de grão (ou nem formou grão). As plantas atingiram um porte mais baixo e a maçaroca ficou com peso inferior ao potencial da cultura.

As elevadas temperaturas obrigaram a um acréscimo do número de regas, o que provocou o aumento dos custos com eletricidade e combustíveis.

Estima-se uma diminuição da produção de milho forragem (-9%), assim como de sorgo forrageiro (-7%).





Figuras 127 e 128. Campo de milho forrageiro (esq.) e operação de colheita para silagem (dir.), Póvoa de Varzim, zona de observação do Grande Porto

Fotos por: Alexandre Torres







Figura 129. Operação de acondicionamento da silagem de milho em silo de terra, Ganfei - Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

10.2 Trás-os-Montes

De modo geral, e um pouco por todo o Planalto Mirandês, os vulgarmente designados lameiros deixaram de se apresentar com bom estado vegetativo.

Ao contrário do que foi referido em boletins anteriores, e devido aos longos períodos quentes e sem precipitação que se registaram nos últimos meses, as parcelas deixaram de ter disponibilidade de matéria verde para pastoreio dos animais.

Mesmo nos lameiros que costumam encharcar, a superfície do solo está aparentemente seca e apresentam-se desprovidos de matéria verde.

Na falta de alimento nestas parcelas os produtores recorrem agora ao sorgo, conhecido pela sua resistência à seca e temperaturas altas, e ao milho, que embora careça de mais humidade e apesar da falta de precipitação, continua com bom estado vegetativo.

Na alimentação dos animais são de momento integrados a aveia forrageira e o milho de silagem, sendo futuramente adicionado o nabo forrageiro.









Figuras 130 e 131. Parcelas distintas de lameiro, 11.09.2025, Brunhosinho - Mogadouro Fotos por: Miguel Martins



Figura 132. Lameiro totalmente seco, 11.09.2025, Brunhosinho – Mogadouro Foto por: Miguel Martins



Figura 133. Lameiro, 13.09.2024, Penas Roias – Mogadouro Fotos por: Miguel Martins



Figura 134. Mesmo lameiro, em que se nota a diferença de matéria verde e da cor das silvas (em primeiro plano), resultado do período seco, 16.09.2025, Penas Roias - Mogadouro







Figura 135. Pastagem permanente, 13.09.2024, Penas Roias - Mogadouro



Figura 136 Mesma parcela, 16.09.2025, Penas Roias - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 137. Pastagem permanente, 13.09.2024, Penas Roias - Mogadouro



Figura 138. Mesma parcela, 16.09.2025, Penas Roias -Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Nas fotos 136 e 138, vemos que as parcelas apresentam herbáceas espontâneas - não foram objeto de corte pois os produtores calcularam que o ano seco não produziria mais matéria verde.

Por toda a área de observação da Terra Fria, verifica-se que as pastagens de regadio (vulgo lameiros) e os lameiros localizados em zonas de aluvião, ainda apresentam alguma disponibilidade de vegetação herbácea para a prática do pastoreio. Os solos já não dispõem de humidade e os produtores recorrem a regas por agueiras ou por aspersão para manter estas pastagens verdejantes.

Contrariamente, os lameiros de sequeiro (fotos 140 e 142) ainda não oferecem condições para a alimentação animal, porque estão completamente secos, após um verão extremamente quente/seco, sem precipitação.







Figura 139. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2024, Gimonde - Bragança

de 2024, Gimonde - Bragança Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 140. Pastagem permanente de sequeiro, setembro de 2025, Gimonde - Bragança



Figura 141. Pastagem permanente de regadio e de sequeiro, Rebordãos - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 142. Pastagem permanente de sequeiro, Paçó -Vinhais

As reservas em silagens e forragens de alimentos grosseiros estão asseguradas e neste momento existem produtores que cedem, de forma generosa, fardos ou rolos de feno ou aveia/forrageira a produtores de explorações que foram fustigadas pelo fogo e que não têm pasto/alimento para os seus animais, numa bonita onda de solidariedade do povo transmontano.

Atualmente os produtores usam as culturas forrageiras de primavera/verão tais como milho, sorgo e lameiros de que ainda dispõem, para alimentar o efetivo pecuário.

As condições meteorológicas do mês de agosto não foram nada favoráveis para estas culturas (nomeadamente para o sorgo e para as abóboras), pois estiveram sujeitas a grande stress hídrico, que levou por exemplo à produção de frutos de pequeno porte - no caso das abóboras (ver fotos 143 e 144).







Figura 143. Sorgo forrageiro já pastoreado, Gostei -



Figura 144. Abóboras, Gostei - Bragança

Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 145. Bovinos mirandeses em pastoreio, Carrazedo -Bragança



Figura 146. Bovinos mirandeses em pastoreio, Quintela -Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra





11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produção de cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

	Trig	J O	Tritico	Triticale		
Localização	%	t	%	†		
Entre Douro e Minho	100	8	0	0		
Basto	100	3	0	0		
Ribadouro	100	5	0	0		
Trás-os-Montes	104	2 660	107	571		
A. Tâmega e Alvão P.	98	74	100	19		
Barroso	100	9	0	0		
Douro Superior	99	58	0	0		
Planalto Mirandês	106	1 625	106	383		
Terra Fria	100	630	100	124		
Terra Quente	105	265	176	45		
Região Norte	104	2 668	107	571		

Tabela 2. Evolução da produção da batata de regadio, comparativamente ao ano anterior

	Batata-Regadio			
Localização	%	t		
Entre Douro e Minho	99	32 452		
Ave	89	4 339		
Basto	130	3 923		
Cávado	98	3 891		
Entre Douro e Vouga	90	1 633		
Grande Porto	90	3 758		
Ribadouro	100	6 231		
Vale do Lima	98	2 512		
Vale do Minho	96	1 570		
Vale do Sousa	100	4 595		
Trás-os-Montes	101	69 024		
A. Tâmega e Alvão P.	104	16 733		
Barroso	100	2 475		
Beira Douro e Távora	97	10 711		
Corgo e Marão	98	8 189		
Douro Superior	99	7 383		
Planalto Mirandês	100	5 982		
Terra Fria	105	8 231		
Terra Quente	100	9 320		
Região Norte	100	101 476		





Tabela 3. Evolução da área retificada e produtividade de milho grão de regadio e produção de milho grão de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

	Áre	ea	Produtividade		Produçõ	io
	Milho-Rego	adio Grão	Milho-Rego	Milho-Regadio Grão		o Grão
Localização	%	ha	%	Kg/ha	%	t
Entre Douro e Minho	99	12 621	95	5 739	94	4 136
Ave	95	2 071	87	4 758	87	430
Basto	100	805	95	5 676	86	88
Cávado	100	3 419	99	6 494	99	1 837
Entre Douro e Vouga	100	667	90	6 939	80	185
Grande Porto	100	601	90	8 984	80	290
Ribadouro	100	1 336	92	4 105	80	57
Vale do Lima	97	1 456	99	3 736	98	993
Vale do Minho	100	588	99	5 088	92	174
Vale do Sousa	100	1 677	95	7 069	80	82
Trás-os-Montes	99	1 922	99	3 147	97	2 558
A. Tâmega e Alvão P.	100	893	100	3 362	107	342
Barroso	100	390	100	3 413	100	459
Beira Douro e Távora	92	70	92	2 780	85	30
Corgo e Marão	90	75	91	2 589	92	33
Douro Superior	94	67	99	2 899	96	80
Planalto Mirandês	100	211	95	2 783	93	1 041
Terra Fria	100	60	105	3 476	100	464
Terra Quente	100	156	100	2 200	97	109
Região Norte	99	14 542	95	5 394	95	6 694

Tabela 4. Evolução da produção de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

	Feijão		Grão-de-	Bico
Localização	%	t	%	t
Entre Douro e Minho	95	250	0	0
Ave	87	32	0	0
Basto	83	11	0	0
Cávado	100	81	0	0
Entre Douro e Vouga	100	26	0	0
Grande Porto	100	19	0	0
Ribadouro	90	17	0	0
Vale do Lima	100	31	0	0
Vale do Minho	99	8	0	0
Vale do Sousa	90	24	0	0
Trás-os-Montes	100	2 055	102	68
A. Tâmega e Alvão P.	100	178	100	2
Barroso	100	2	0	0
Beira Douro e Távora	100	15	99	5
Corgo e Marão	107	35	100	1
Douro Superior	100	471	100	15
Planalto Mirandês	100	371	100	19
Terra Fria	110	83	115	9
Terra Quente	100	900	100	16
Região Norte	100	2 305	102	68





Tabela 5. Evolução da produção de laranja, maçã, pêra e pêssego, comparativamente ao ano anterior

	Lara	nja	Maçã		Ρé	èra	Pêssego	
Localização	%	t	%	t	%	t	%	t
Entre Douro e Minho	98	2 476	97	2 389	97	541	103	175
Ave	89	445	97	244	100	58	108	17
Basto	100	37	93	107	95	62	100	3
Cávado	100	906	99	829	100	109	100	48
Entre Douro e Vouga	100	103	100	142	100	56	120	21
Grande Porto	100	161	100	313	100	70	120	27
Ribadouro	100	442	90	282	90	89	100	7
Vale do Lima	100	248	99	273	98	56	93	44
Vale do Minho	100	68	90	58	90	16	90	6
Vale do Sousa	100	67	90	141	90	25	100	2
Trás-os-Montes	98	2 098	80	122 346	90	2 950	75	2 823
A. Tâmega e Alvão P.	100	12	100	2 082	100	278	78	184
Barroso	0	0	100	52	100	10	100	3
Beira Douro e Távora	100	161	76	93 383	86	1 581	90	104
Corgo e Marão	100	366	86	2 577	93	74	88	49
Douro Superior	97	1 466	95	20 275	92	560	75	1 485
Planalto Mirandês	100	31	98	1 677	100	103	100	59
Terra Fria	0	0	95	1 386	100	148	100	20
Terra Quente	97	62	100	914	100	196	70	920
Região Norte	98	4 574	80	124 735	91	3 492	76	2 998

Tabela 6. Evolução da produtividade do kiwi e da produção de uva de mesa, comparativamente ao ano anterior

	K	liwi	Uva de Mesa		
Localização	%	Kg/ha	%	†	
Entre Douro e Minho	113	9 713	90	61	
Ave	111	5 591	0	0	
Basto	107	7 250	90	2	
Cávado	110	12 712	0	0	
Entre Douro e Vouga	105	6 752	0	0	
Grande Porto	116	12 495	0	0	
Ribadouro	110	6 546	90	51	
Vale do Lima	112	8 870	0	0	
Vale do Minho	180	15 603	0	0	
Vale do Sousa	110	12 130	90	8	
Trás-os-Montes	98	6 800	89	222	
A. Tâmega e Alvão P.	100	4 303	90	26	
Beira Douro e Távora	92	6 145	81	22	
Corgo e Marão	100	9 000	66	12	
Douro Superior	100	8 500	82	15	
Planalto Mirandês	0	0	95	116	
Terra Fria	0	0	90	10	
Terra Quente	100	6 147	90	20	
Região Norte	113	9 705	89	282	





Tabela 7. Evolução da produtividade da avelã, castanha e noz e da produção de amêndoa, comparativamente ao ano anterior

	Av	elã	Casto	anha	1	Voz	Amê	ndoa
Localização	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	t
Entre Douro e Minho	101	236	104	630	104	844	100	10
Ave	107	274	100	212	100	768	0	0
Basto	100	543	109	254	106	303	0	0
Cávado	95	804	100	797	100	967	0	0
Entre Douro e Vouga	110	127	94	812	100	1 073	0	0
Grande Porto	0	0	100	756	100	385	0	0
Ribadouro	100	120	110	936	110	1 101	100	8
Vale do Lima	100	487	100	539	100	535	0	0
Vale do Minho	0	0	100	293	100	195	0	0
Vale do Sousa	100	50	110	497	110	1 137	100	2
Trás-os-Montes	105	309	110	516	103	641	68	12 677
A. Tâmega e Alvão P.	100	224	152	319	100	705	55	1 044
Barroso	0	0	100	446	100	725	100	1
Beira Douro e Távora	98	604	82	654	96	568	55	57
Corgo e Marão	100	89	91	431	98	512	90	241
Douro Superior	94	235	110	640	100	530	61	5 027
Planalto Mirandês	100	421	96	621	100	634	95	3 628
Terra Fria	134	346	105	606	110	759	110	445
Terra Quente	90	142	183	398	100	514	55	2 234
Região Norte	105	305	109	520	103	668	68	12 687

Tabela 8. Evolução da produtividade de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

	Uva para	Vinho (mosto)
Localização	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	99	6 330
Ave	104	18 608
Basto	93	6914
Cávado	100	4 109
Entre Douro e Vouga	197	2 399
Grande Porto	95	4 036
Ribadouro	90	2 551
Vale do Lima	105	4 998
Vale do Minho	103	5 216
Vale do Sousa	90	4 471
Trás-os-Montes	80	2 001
A. Tâmega e Alvão P.	92	1 213
Barroso	100	1 433
Beira Douro e Távora	93	2 943
Corgo e Marão	70	2 046
Douro Superior	88	2013
Planalto Mirandês	95	1 400
Terra Fria	90	1 277
Terra Quente	33	1 123
Região Norte	90	3 325





Tabela 9. Evolução da produção de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

	Uva para Vinho / Vinho		
Localização	%	hl	
Entre Douro e Minho	100	1 479 429	
Ave	104	577 580	
Basto	93	180 959	
Cávado	105	95 504	
Entre Douro e Vouga	197	7 124	
Grande Porto	95	24 057	
Ribadouro	90	118 457	
Vale do Lima	105	126 840	
Vale do Minho	111	148 037	
Vale do Sousa	90	200 871	
Trás-os-Montes	70	925 091	
A. Tâmega e Alvão P.	92	49 139	
Barroso	100	517	
Beira Douro e Távora	86	171 506	
Corgo e Marão	69	348 268	
Douro Superior	64	286 409	
Planalto Mirandês	95	33 819	
Terra Fria	85	11 360	
Terra Quente	39	24 073	
Região Norte	86	2 404 520	

Tabela 10. Evolução da produtividade de azeitona de mesa e de azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

	Azeitona de mesa		Azeitona p	oara azeite
Localização	%	Valor	%	Valor
Entre Douro e Minho	0	0	219	490
Ave	0	0	100	225
Basto	0	0	147	276
Cávado	0	0	237	207
Entre Douro e Vouga	0	0	255	363
Grande Porto	0	0	300	18
Ribadouro	0	0	300	583
Vale do Lima	0	0	187	790
Vale do Minho	0	0	198	1 789
Vale do Sousa	0	0	300	359
Trás-os-Montes	64	1 737	71	989
A. Tâmega e Alvão P.	75	253	68	1 122
Barroso	0	0	100	129
Beira Douro e Távora	90	360	98	1 866
Corgo e Marão	90	900	93	1 432
Douro Superior	61	2 253	75	832
Planalto Mirandês	95	818	96	941
Terra Fria	95	449	90	1 003
Terra Quente	76	523	60	941
Região Norte	64	1 735	71	983